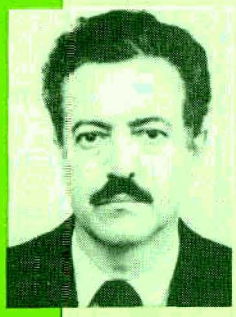
Quem tem medo do Mercosul?



ROQUE G. ANNES TOMASINI

A agricultura do Sul do Brasil está olhando assustada para as fronteiras do Mercosul. Como, a partir do início de 1995, as alíquotas de importação para a grande maioria dos produtos foram zeradas e há poucas restrições à quantidade de produtos agrícolas a serem importados, muitos deles estão sendo substituídos pelos argentinos. Os maiores prejudicados têm sido os agricultores gaúchos, que possuem produtos semelhantes aos dos demais países do Mercosul. Diante das crescentes importações, ficam as perguntas: onde colocar nosso trigo, cevada, queijo, milho, vinho? O problema da falta de competitividade está no nível do agricultor (dentro da porteira) ou no nível da política macroeconômica brasileira (fora da porteira)?

O trigo tem sido o produto mais duramente atingido. Em 1987, o Brasil produziu 6,2 milhões de toneladas, o que quase permitiu alcançar a auto-suficiência. Em 1995, o Rio Grande do Sul deverá plantar somente 300 mil hectares, o que é muito pouco para quem, em 1979, plantou 2,2 milhões de hectares. Conseqüência: hoje somos um país totalmente dependente do trigo importado, sobretudo dos 4-4,5 milhões de toneladas de trigo argentino.

O problema da produção de trigo no Rio Grande do Sul não é só dos agricultores. Também é dos moinhos, os quais têm de concorrer com a farinha argentina, que pode ser vendida diretamente aos grandes consumidores ou nas prateleiras dos supermercados. O problema deixa de ser apenas dos agricultores para ser um problema da sociedade.

Os recursos investidos pela sociedade na pesquisa de trigo, por meio do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), localizado em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, e de outras instituições oficiais e privadas permitiram alcançar produtividades semelhantes às dos grandes países exportadores de trigo. Hoje podemos competir com o trigo argentino ou de outros países exportadores, desde que não seja subsidiado e tenha idênticas condições de comercialização (prazo e taxas de juro). A atual situação da tecnologia da produção de trigo no Rio Grande do Sul e nos demais estados produtores tem permitido atingir produtividades de mais de 5 mil kg/ha, em anos de condição normal de clima. Produtividades de 1 mil kg/ha ficaram nos livros de história.

Na moderna agricultura, independentemente do tamanho da propriedade, não há lugar para amadores. É um jogo para profissionais. Sob o ponto de vista do consumidor, o que interessa é preço e qualidade do produto. O povo brasileiro ainda está muito longe de um apelo tipo "compre produto nacional". O que lhe interessa é sobreviver com sua baixa renda.

O crescimento da demanda ocorrido após o início do Plano Real também tem-se refletido no crescente consumo de trigo. Se, por hipótese, os 30 a 35 milhões de brasileiros que estão incluídos na categoria dos que passam fome passassem a consumir apenas 10kg a mais *per capita*, onde o Brasil iria buscar os 3 a 3,5 milhões de toneladas adicionais? Certamente não seria na Argentina, que não tem capacidade para nos fornecer, a médio prazo, mais de 4,5 a 5 milhões de toneladas, a menos que utilize técnicas que irão aumentar seus baixos custos de produção ou que deixe de plantar áreas com soja e com milho. Vamos buscar este trigo nos grandes países que o vendem subsidiado? Vamos desprezar nossa capacidade de produzi-lo internamente? Na hipótese de esta população de subnutridos (igual a toda a população da Argentina) melhorar a sua renda, de onde virão todos os alimentos necessários para mantê-la? Decerto não será dos demais países do Mercosul. Terão que ser produzidos no Brasil.

A abertura para o Mercosul deve ser vista como uma oportunidade para dar um "salto qualitativo". Afinal, devemos acreditar que não é do interesse do governo brasileiro enriquecer os agricultores argentinos e falir os brasileiros. Não há por que ter medo do trigo e de outros produtos agrícolas argentinos. Devemos ter medo é da nossa falta de agressividade na busca dos nossos direitos políticos de produzir. Temos tecnologia, temos toda a infra-estrutura, o agricultor quer ganhar dinheiro. Então, por que ter medo?

Roque G. Annes Tomasini, engenheiro agrônomo, MSc em economia rural, é pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Caixa Postal 569, 99001-970, Passo Fundo, RS.